

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor, Presidente*BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*MARCOS SÁ CORREA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente***À Luz do Dia**

Uma linha divisória cada vez mais clara vem se formando entre diferentes lideranças empresariais. De um lado, alinham-se todos aqueles que se acomodaram e acostumaram ao modelo corporativista de governo, no qual o Estado inchou e fez sócios, distribuiu cartórios, favores, subsídios. Do outro, novas lideranças que acreditam em sua própria capacidade para gerar poupança, investir, criar novos empregos e estabelecer um modelo participativo, com o acesso dos empregados ao capital acionário das empresas.

Velho e novo vão encontrando seus contornos com rapidez, na medida em que reagem às ondas de choque e reverberações da Constituinte. O corporativismo, viciado na conversa do pé de ouvido, no peleguismo e nos favores palacianos, demonstrou que pratica um modelo esgotado. Em certo sentido, é a imagem refletida, no lado oposto, da esquerda ideológica que perdeu o bonde da história, tentando implantar na nova Constituição o modelo fracassado do Estado jacobino, totalitário, autárquico.

O velho empresariado — e “velho”, nesse caso, é mais uma questão de mentalidade que de idade — encastelou-se em órgãos de classe cuja contrapartida é, na área trabalhista, a liderança sindical que assume com mais competência o papel de pelego. Não sabem ambos viver nem conviver sem o passeio pelos corredores de Brasília, onde se distribuem favores, cartórios, cotas, créditos e subsídios.

O novo empresariado nasceu da realidade de que seus interesses podem crescer e podem ser defendidos à luz do dia da democracia, com integridade, coerência e firmeza de propósitos. A propriedade, o conceito de propriedade e o valor da iniciativa e do investimento voltam em todo o mundo a ser valorizados. Os Estados nacionais abrem espaços para grandes empreendedores, beneficiam-se da troca de experiências, de associações, de parcerias e da injeção de novas tecnologias, hoje um fator mais importante para a produção que o capital ou o trabalho bruto.

O novo empresariado brasileiro já passou da fase de ser tachado de corporativista. Ele pode, e deve, com máxima urgência, se estruturar em torno de lideranças naturais que começam a aparecer no comércio, na agricultura, nas Bolsas de Valores e em outros segmentos importantes. Sua atividade deve partir de investimentos pesados em pesquisa, em *staff*

técnico, na produção de inteligência aberta que possa fundamentar seu apoio consistente à atividade política, capaz de assimilar e defender suas idéias.

Não pode esse novo empresariado temer a esquerda barulhenta que ficou na contramão da história, nem se intimidar diante do fato, do triste fato, de que a economia nacional está hoje altamente concentrada nas mãos do governo e de uma burocracia que luta desesperadamente para se manter no poder, assegurando seus privilégios como nova classe.

Homens como Ronaldo Caiado, Flávio Telles de Menezes, Eduardo da Rocha Azevedo, Guilherme Afif Domingos, Marcos Jacobsen, Simeira Jacob e tantos outros, que surgiram no cenário nacional com novas propostas, no amplo leque que vai da atividade rural ao sistema de mercado de capitais, propondo um novo relacionamento entre capital e trabalho, devem partir para a ofensiva aberta, vocalizando suas teses e tentando legitimamente influir no processo constituinte.

É preciso restaurar com urgência no país, neste país onde o Estado faliu como gerente, como poupador e como gerador de novos empregos, o conceito de que o capital privado acelera o investimento e pode se posicionar diante do Estado sem o pires na mão e a conversa de pé de ouvido que caracterizam o empresário corporativista ou o pelego sindical.

É uma ilusão pensar que a defesa dos interesses nacionais passa por um fechamento para o exterior e uma autarquização da economia nacional, sem o convívio com o capital e a experiência estrangeiros. Esse é o caminho que o corporativista prefere, pensando em se transformar em dono de cartório ou funcionário privilegiado. Essas velhas lideranças não estão preocupadas em construir uma Nação com pluralidade partidária, pluralidade sindical e independência em relação ao Estado.

Por um prato de lentilhas essas velhas lideranças comprarão e venderão favores, não importa se hoje convivem com uma Constituinte e se amanhã conviverão com um Estado fechado e autoritário. Os pelegos sobreviveram a todas as formas de governo. Em seu lugar é preciso que os novos apareçam com mais convicção e coragem, exercendo seu papel de propor, de reivindicar e de mostrar ao lado político corrompido na Constituinte que sua moeda, o voto, corre perigo de sepultamento precoce pelo amadurecimento da nova consciência nacional que ajudarão a edificar à luz do dia.